

A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA NAS UNIVERSIDADES FRANCESAS: IBÉRICA, LATINO-AMERICANA E TRANSNACIONAL

Agnes Rissardo (UFRJ/PACC)¹


Resumo: Tomando-se um dos centros culturais hegemônicos como campo de investigação – a França – propomos um olhar sobre o papel desempenhado pelo meio universitário daquele país na promoção da literatura brasileira contemporânea, dentro e fora das salas de aula: de que forma o Brasil é visto, uma vez que, em geral, o país se insere nos departamentos de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos das universidades? Empreendemos, ainda, uma reflexão sobre o deslocamento e as implicações decorrentes da condição de imigrante dos docentes brasileiros na França, eles próprios atores locais desterritorializados, que aceitaram o desafio de tornar protagonista uma literatura de origem latino-americana no cenário mundial.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea; Ensino universitário; Recepção no exterior; Globalização.

Em seu reverenciado ensaio “O entrelugar do discurso latino-americano”, de 1971, Silviano Santiago chama a atenção para a “falência de um método que se enraizou profundamente no sistema universitário: as pesquisas que conduzem ao estudo das fontes e influências” (2000, p. 17). Ao recriminar tal método, que, segundo o crítico, pressupõe uma evidente inferioridade do artista de povos colonizados, como o Brasil, em relação ao modelo que teve necessidade de importar da metrópole, Santiago não poupa as universidades brasileiras: “Porque certos professores universitários falam em nome da objetividade, do conhecimento enciclopédico e da verdade científica, seu discurso crítico ocupa um lugar capital entre outros discursos universitários. Mas é preciso que agora o coloquemos em seu devido lugar” (p. 17).

A crítica contundente de Santiago foi bastante oportuna naquele momento, afinal, desde a criação do primeiro curso superior de Letras no Brasil, na Universidade de São Paulo (USP), ainda no bojo dos projetos de criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na década de 1930 (FIORIN, 2006, p. 1), o ensino de literatura brasileira vinha sendo marcado pela submissão cultural às literaturas de origem europeia, tendo como base as pesquisas de fontes e influências. Até mesmo a contratação do corpo docente do curso da USP, pensado para “formar uma nova elite

¹ Pesquisadora visitante (PNPD/CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ e do Programa de Cultura Avançada (PACC/UFRJ), pós-doutora em Literatura Brasileira (Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3) e doutora em Literatura Brasileira (UFRJ). Contato: agnesrissardo@yahoo.com.br.




para o país, educada nos moldes dos países mais adiantados do mundo”, como relata José Luiz Fiorin (p. 1), havia recaído sobre professores franceses.

Quarenta e seis anos após as reflexões de Santiago, o panorama universitário já sofreu mudanças consideráveis e, sobretudo a partir do avanço dos estudos de literatura comparada, tal discurso, que, conforme o crítico, “reduz a criação dos artistas latino-americanos à condição de obra parasita” (p. 18), perdeu força, dando lugar ao estudo das obras de literatura latino-americana como recriações em forma de paródia, pastiche ou digressão em relação às obras dos centros culturais hegemônicos, nos termos de Pascale Casanova (2002).

O surgimento dos cursos na França

Concomitantemente à escrita do ensaio de Santiago, o meio universitário brasileiro iniciava um movimento contrário rumo aos países europeus. Com a criação de cursos de graduação em língua portuguesa e literatura brasileira em universidades da Europa e dos Estados Unidos, a produção acadêmica e os atores locais – docentes e discentes – se tornaram um campo fértil para os estudos de recepção em um contexto de globalização. Tomando-se um dos chamados centros culturais hegemônicos como campo de investigação – a França – nota-se um esforço dos professores de língua, cultura e civilização brasileira no sentido de atrair e reter estudantes nas salas de aula, dando a conhecer a literatura brasileira, com especial atenção, por uma parcela deles, àquela praticada nos dias de hoje.

A implantação do ensino de língua portuguesa e literatura brasileira nas universidades da França veio a reboque da criação dos cursos de Português Língua Estrangeira (PLE) nos ensinos fundamental (*collège*) e médio (*lycée*) naquele país, em 1970. De acordo com a professora emérita da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3, Jacqueline Penjon, os primórdios desses estudos naquele país datam de 1919, quando a Université de Paris passou a oferecer um curso de língua e literatura portuguesa, e, a partir de 1922, de literatura brasileira, promovidos pelo então recém-criado Institut d’Études Portugaises et Brésiliennes, que contava, já naquela época, com uma biblioteca (PENJON, 2011, p. 229). Porém, tratava-se de cursos eletivos e o ensino do português sempre esteve atrelado, como uma segunda língua, ao ensino de língua espanhola, como atesta o percurso acadêmico da própria Jacqueline: com formação inicial em Língua,




Literatura Espanhola e Latino-americana, e um certificado opcional de Filologia Portuguesa, somente no mestrado ela pôde optar pela pesquisa de um autor brasileiro.

Tradicionalmente, as estruturas universitárias francesas contam com um departamento de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos (Études Ibériques et Latino-Américaines), que oferece os cursos de graduação (*licence*) em Português e Espanhol. Já na pós-graduação, os estudos de Língua e Literaturas Portuguesa e Brasileira se separam completamente dos estudos latino-americanos. No caso da Paris 3, essa divisão só veio a ocorrer em 1994², com a criação do CREPAL – Grupo de Pesquisa sobre os Países Lusófonos. Até então, os cursos de mestrado e doutorado em Literatura Brasileira estavam vinculados ao Grupo de Pesquisa sobre Ideologias, Mentalidades e Sistemas de Representação nos Países de Língua Espanhola e Portuguesa (GRIMESREP). A Universidade Sorbonne Paris 4 seguiu um percurso semelhante, porém com história mais recente: até 2007, a universidade não tinha um grupo de pesquisa em Estudos Lusófonos. Todos os professores eram vinculados ao CREPAL, da Paris 3. A partir de mudanças na legislação francesa em relação ao sistema de pesquisa no país, os professores associados e livre-docentes foram obrigados a se filiarem a um grupo de pesquisa em sua própria universidade. Assim nasceu o CRIMIC – Grupo de Pesquisas Interdisciplinares sobre os Mundos Ibéricos Contemporâneos, que abriga várias vertentes: Espanha Contemporânea, Poesia Latino-Americana, Catalão e Português, dando origem, por sua vez, ao grupo de pesquisa de Estudos Lusófonos da Paris 4.

Brasil, lusófono e latino-americano

Evidentemente, a criação desses grupos nas universidades Sorbonne e Sorbonne Nouvelle, que se deu por meio de muitos esforços dos professores responsáveis, concedeu maior visibilidade e autonomia às pesquisas sobre língua portuguesa e literatura brasileira na França. No entanto, tais ganhos não excluem perdas, o que nos faz lançar aqui duas questões: ao se privilegiar os estudos de graduação e pós-graduação a partir da proximidade da língua entre países lusófonos não se estaria, conseqüentemente, isolando ainda mais o Brasil do restante da América Latina? E mais:

² Apesar de ter iniciado suas atividades em 1992, ao separar-se do GRIMESREP, o CREPAL só foi reconhecido oficialmente em 1994.



como pensar em termos de participação em uma literatura mundial se a ênfase dos Estudos Lusófonos recai sobre as literaturas nacionais de Brasil e Portugal?


A pesquisadora Márcia Marques Rambourg discorre sobre essa problemática:

Se na América Latina os debates de aproximação e/ou reivindicação de unidade cultural entre os países vizinhos são de grande interesse aos intelectuais e universitários, na França, ao contrário, o conceito de *brasileiro* distingue-se daquele *latino-americano* em toda sua autarquia cultural. Se por vezes hesita-se entre o espanhol ou o “brasileiro” como idioma oficial do Brasil, observa-se que a questão do prestígio da língua espanhola em face da portuguesa é ainda, para a recepção literária francesa, um dos aspectos principais quanto à condição de isolamento da cultura brasileira diante da América Latina e à conseqüente difusão da literatura latino-americana em relação à brasileira. (2009, p. 92)

O divórcio entre Brasil e América Latina nos grupos de pesquisa de pós-graduação se reflete nos eventos acadêmicos realizados nas universidades francesas: comunicações ou conferências sobre os diálogos intertextuais entre literatura brasileira – a única literatura em língua portuguesa proveniente da América Latina, nunca é demais frisar – e de outros países latino-americanos, bem como os estudos interdisciplinares, que contribuiriam para reduzir culturalmente a diferença entre os idiomas (português e espanhol), favorecendo a integração do continente, são praticamente inexistentes em jornadas de estudos, colóquios e seminários dos Estudos Lusófonos. É mais provável haver uma comunicação sobre um autor brasileiro em um colóquio de literatura latino-americana do que o inverso.

Paradoxalmente, fora dos meios acadêmicos, o Brasil nem sempre é visto como um país separado da América Latina. Na extensa programação da Maison de l’Amérique latine, um grande centro que acolhe reuniões, conferências, apresentações musicais e exposições da comunidade cultural e diplomática latino-americana em Paris, há sempre espaço para a representação do Brasil.

Também as premiações literárias na França obedecem a critérios diferentes daqueles seguidos pelas universidades. Em janeiro de 2017, por exemplo, o escritor Chico Buarque foi o vencedor do prêmio literário francês Roger Callois, na categoria Literatura Latino-Americana, pelo conjunto de sua obra.




Com relação às editoras francesas, mais uma vez as contradições se fazem presentes. Na maioria delas, as traduções de livros brasileiros são vendidas sob o epíteto de Coleção Do Mundo (Du Monde) ou Coleção América Latina. Nesse sentido, se por um lado, a filiação do Brasil a uma literatura latino-americana é reconhecida, por outro, em se tratando de estratégias mercadológicas, o país se torna substancialmente invisível para o público leitor. As exceções ficam por conta das editoras Métailié, única na França a criar uma coleção exclusiva de literatura brasileira, e Anacaona, cujo catálogo é inteiramente formado por obras de ficção do Brasil.

Difundindo a literatura brasileira

Entretanto, os grupos de pesquisa em Estudos Lusófonos das universidades francesas desempenham um importante papel na difusão da língua portuguesa e na circulação e promoção da literatura brasileira naquele país. A constante realização de colóquios, seminários, jornadas de estudos, com a participação dos alunos de pós-graduação e professores das próprias universidades ou visitantes das universidades brasileiras; mesas-redondas e conferências com autores brasileiros; atividades de leitura e tradução de textos ficcionais do Brasil em sala de aula; compra de lançamentos de obras de literatura brasileira contemporânea para disponibilização nas bibliotecas universitárias; publicação de revistas acadêmicas contendo artigos e ensaios sobre o Brasil; participação efetiva e anual no Livre Paris³, entre outras, são apontadas pelos professores dos departamentos de Português como ações difusoras, promovidas por eles com assiduidade, dentro e fora das universidades francesas. É consenso, entre esses mesmos profissionais, que os alunos de Português dos ensinos médio e superior configuram o público leitor mais importante – porque mais numeroso e criticamente ativo – de literatura brasileira na França.

E qual seria o perfil desses alunos que cursam uma graduação em Português? De um modo geral, são imigrantes portugueses e brasileiros ou, o mais comum, filhos e netos de cidadãos lusófonos que, a partir dos anos 1960, realizaram um significativo movimento demográfico migratório para a França (RAMBOURG, 2009, p. 82). Foi justamente a partir desse fluxo de chegada, sobretudo de portugueses, ao país, que o governo francês instituiu, já na década de 1970, o ensino de língua portuguesa nos

³ O evento mudou de nome recentemente. Chamava-se, até 2015, Salon du Livre de Paris.




níveis fundamental e médio das escolas. No âmbito universitário, há uma diferença entre alunos de graduação e de pós-graduação. Os primeiros têm um perfil semelhante aos do ensino médio, ou seja, são geralmente cidadãos franceses descendentes de imigrantes lusófonos; já o segundo grupo engloba tanto esses descendentes quanto doutorandos brasileiros bolsistas de programas de estágio doutoral ou de pós-doutorado. “A porcentagem de franceses sem nenhuma ligação com países lusófonos é mínima, apesar do grande interesse pelo Brasil, sobretudo depois do Ano do Brasil na França (2005), que multiplicou a demanda de cursos de língua na modalidade brasileira” (PENJON, 2011, p. 231).

O panorama, contudo, não é dos mais animadores. Mais do que atrair novos estudantes de língua portuguesa e literatura brasileira para as universidades francesas, a maior preocupação dos profissionais do meio acadêmico em Estudos Lusófonos é manter os cursos em funcionamento. As dificuldades são numerosas e cada vez maiores: o português não é oferecido em todas as universidades, sendo que, em algumas delas, como ocorreu recentemente na universidade Paris 8 – Saint Denis, a graduação em Português e o mestrado em Estudos Lusófonos foram extintos. Além disso, as vagas em concursos públicos para professores dos ensinos fundamental e médio (CAPES) de Português e também para professores do ensino superior (Agréation) vêm diminuindo gradualmente nos últimos 15 anos. A escassez de concursos, por sua vez, desmotiva os estudantes, que têm como objetivo principal o magistério, apesar de estarem aptos a atuar em outros setores.

Pedagogia transnacional

Quanto aos professores que já lecionam literatura brasileira nas universidades, muitos deles, como Jacqueline Penjon e Michel Riaudel, são de nacionalidade francesa, porém, a maioria dos brasilianistas, como os professores Saulo Neiva (Clermont Ferrand), Leonardo Tonus (Paris 4), Rita Godet (Rennes 2), entre outros, é brasileira e, portanto, assim como uma parcela de seus alunos, atores locais desenraizados de suas terras que aceitaram o desafio de tornar protagonista uma literatura de origem latino-americana no cenário mundial. Em um contexto de globalização, professores, pesquisadores e alunos acabam assumindo identidades culturais múltiplas. Se levarmos em conta que, como outros processos globalizantes, “a globalização cultural é




desterritorializante em seus efeitos” (p. 36), como aponta Stuart Hall, e que muitos desses profissionais deixaram o Brasil há muitos anos para viver e trabalhar na França, pode-se dizer que se situam no entrelugar observado por Silviano Santiago. Marília Librandi-Rocha, professora-assistente de Literatura e Cultura Brasileira na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, define apropriadamente esses sentimentos de deslocamento e vazio, mas também de perspectivação em relação à cultura brasileira.

Começo, então, por expor um paradoxo: quando vivemos no Brasil, não precisamos necessariamente pensar o Brasil, pois o Brasil está perto, perto demais, talvez em demasia; é preciso, de certo modo, livrar-se do Brasil para sentir outros ares e maiores liberdades; ao sair do Brasil, porém, e deixá-lo para trás, nós o carregamos conosco à medida mesma que o perdemos. (...) É nesse trânsito, e a partir da dor decorrente de uma saudade ativa, que se pode vislumbrar o nó do problema: doravante não há mais volta ao pleno. A partir da ruptura violenta da partida, passamos a habitar esse hiato, vazio, semelhante ao ‘entrelugar’ teorizado por Silviano Santiago. (LIBRANDI-ROCHA, 2014, p. 31)

O relato de Librandi-Rocha encontra ressonância também nas reflexões de Edward Said (2003), que empregava a palavra “exílio” nos mais variados sentidos: migração, emigração, desterro, refúgio e diáspora, entre outros, mas sempre relacionada à necessidade de indivíduos, desenraizados de suas terras, terem que deixar suas nações nativas e sobreviver em outras culturas (VIEIRA, 2016, p. 48). “O exílio baseia-se na existência do amor pela terra natal e nos laços que nos ligam a ela – o que é verdade para todo exílio não é a perda da pátria e do amor à pátria, mas que a perda é inerente à própria existência de ambos” (SAID, 2003, p. 59). No entanto, tal condição é sempre paradoxal e pode proporcionar uma forma perspectivada de se olhar não apenas para o país de origem como também para as outras nações: “Ver ‘o mundo inteiro como uma terra estrangeira’ possibilita a originalidade da visão. A maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que para tomar emprestada uma palavra da música – é *contrapontística* (p. 60).

Entre Brasil e França, Brasil e América Latina, Brasil e demais países lusófonos, é esse entrelugar ocupado por professores e alunos brasileiros, bem como pela própria



literatura brasileira no exterior, precisamente o mote e o pressuposto de toda análise que queira pensar verdadeiramente uma pedagogia transnacional.

Referências

CASANOVA, Pascale. *República mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.


FIORIN, José Luiz. A criação dos cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações da pesquisa linguística universitária. *Línguas & Letras*. Dossiê: Um olhar na ciência linguística, vol. 7, nº 12, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), 1º sem. 2006, p. 11-25. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/887>. Acesso em 7 jul. 2017.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora (reflexões sobre a terra no exterior). In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco novBrasil, 2003.

LIBRANDI-ROCHA, Marília. A literatura em trânsito ou o Brasil é dentro da gente (contração, expansão e dispersão). In: MONTEIRO, Pedro Meira (org.) *A primeira aula: trânsitos da literatura brasileira no estrangeiro*. São Paulo: Itaú Cultural: Hedra, 2014.

PENJON, Jacqueline. Entrevista a Agnes Rissardo. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, vol. 5, Rio de Janeiro, UFRJ, 2011. Disponível em www.forumdeliteratura.com.br Acesso em 5 jul. 2017.

RAMBOURG, Márcia Marques. Português língua estrangeira (PLE): por uma reflexão sobre o ensino do português na França. *Cadernos de Letras da UFF*. Dossiê: Difusão da língua portuguesa, nº 39, Universidade Federal Fluminense (UFF), 2009, p. 79-94.



SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. O entrelugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos – Ensaios sobre dependência cultural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

VIEIRA, Nelson H. Fora do Brasil – globalização e deslocamento na literatura brasileira contemporânea: migração transnacional e luto cultural. In: CHIARELLI, Stefania & OLIVEIRA NETO, Godofredo (orgs.). *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2016.